

Heranças Globais Memórias Locais

Método Biográfico

O método Biográfico na museologia é uma aproximação metodológica que temos vindo a trabalhar desde 2011. Na altura apresentamos uma proposta a que chamamos “Olhares Biográfico: a poética da intersubjetividade na museologia”, que constitui o relatório de pós-doutoramento em sociomuseologia. Posteriormente, no âmbito da exposição “Lisboa em tempo real” propusemos a abertura, no espaço expositivo duma oficina biográfica, para recolher “*short stories*” dos visitantes. O objetivo era recolher material complementar de análise da exposição e dos seus visitantes. Por diversas razões, essa oficina não se concretizou, e a experiência tem ficado circunscrita ao mundo académico.

Para além das oficinas biográficas, em 2013 propusemos a questão do Método Biográfico como temas de mesas em dois Congressos Internacionais. Em junho, ao 9 congresso internacional de Estudos Africanos, que se realizou no ISCTE em Lisboa, e em setembro, no V congresso da Associação Portuguesa de Antropologias dano de 2013, que se realizou em Vila Real, na Região Transmontana.

Este número temático dá conta dos resultados desses encontros.

Pedro Pereira Leite, dezembro 2013

Museologia e Método Biográfico



Heranças Globais Memórias Locais

Trabalhar com o método biográfico em museologia é trabalhar com pessoas. Coma as pessoas e para as pessoas. A escolha do método depende da abordagem que se pretenda dar para a investigação. Depende do que se pretende trabalhar. Como todas as ações de investigação tem limites e condições de validade. Importa pois alargar a discussão e debater em que condições e circunstâncias o método está ou pode vir a ser usado.

Como metodologia de análise, deverá assegurar assegurar as suas regras de validade interna. Como sabemos, a questão da objetividade tem sido uma questão central da epistemologia. A escolha do caminho a percorrer no processo de investigação implica a formulação duma problemática: a delimitação do problema a resolver, e a escolha do modo como o caminho é percorrido. A escolha do método biográfico depende dessa consciência. Escolhida a metodologia, há que estar preparado para a aplicar. O método biográfico tem também associado uma técnica de recolha de informação. Ela também determina a validade e os limites do seu uso. Quer o método quer a técnica são passíveis de críticas pelos defensores do paradigma objetivista. Umas dessas críticas advêm da subjetividade que o método pode apresentar.

As metodologias qualitativas centram-se na qualidade dos fenómenos. Não procuram as suas regularidades mas as condições em

que é provável que se verifiquem tendências. Por isso, e temos defendido isso em vários lugares, o método biográfico, por trabalhar sobre os atores em processo, ao emergir das relações entre seres humanos criando encontros, é um instrumento de imenso potencial para entender as relações de intersubjetividade.

O método biográfico trabalha sobre as relações das pessoas com o mundo. Ele emerge a partir do encontro e concretiza-se nesse encontro. É como que se apicássemos uma lente de observação ao processo relacional. Através do método biográfico temos acesso ao indivíduo e à sua experiência do mundo. Um trabalho na e com as comunidades fornece uma leitura coletiva dos processos. Além disso, o método, como tem por base a palavra e no ato e se concretiza num encontro transporta uma poética que liberta a narrativa.

Não é naturalmente um método e uma técnica isento de riscos. Vários autores referem-se à ilusão biográfica, como um campo de equívocos da memória. A ilusão de que uma só pessoa pode conter a diversidade do mundo, ou de como os espaços e contextos de narração influenciam os discursos, ou mesmo da armadilha da memória, que como elemento duma cognição em processo se vai ajustando ao longo da vida às experiências dessa vida. Muitos questionam a qualidade da informação recolhida. Que factos são esses que a biografia descreve.

Heranças Globais Memórias Locais

Como temos vindo a afirmar, o uso do método biográfico ajusta-se particularmente a situações de investigação-ação. Quando procuramos colocar os atores em processo, criar espaços de encontro para fazer emergir a inovação e a criatividade.

Na museologia, sabemos que ele tem sido usado no âmbito das problemáticas da conservação. Colocam-se os sujeitos em frente a uma câmara ou a um gravador e recolhem-se as suas histórias, arquivam-se. Há naturalmente trabalho que é feito sobre esses arquivos da oralidade. Defendemos contudo que,

para além dessa dimensão cumulativa, a museologia bancária, o método narrativo possui uma dimensão libertadora da consciência. O fato de ser um método que tem por base a dimensão humana, do encontro, da troca de saberes e de fazeres, tem um potencial de busca de novas formas de estar. Uma museologia com base na participação efetua uma conservação participativa e uma extroversão também ele participativa.

Deste encontro, entre o método biográfico e a museologia social há ainda um vasto caminho conjunto a percorrer.

Heranças Globais Memórias Locais

Oficina de Narrativas Biográficas¹

As oficinas de narrativas biográficas é um trabalho que temos vindo a desenvolver desde 2011 (Leite, 2012), que fundamenta os trabalhos de aplicação do método biográfico. Este texto é usado como apoio curricular a estas oficinas. As oficinas biográficas são espaços de experiência e prática museológica que partem da ativação da memória social para construir experiências sociais emancipatórias. Elas partem da experiência concreta, vivida por cada indivíduo para, para procurar os elementos comuns numa determinada comunidade, e criar compromissos na ação.

É a experiência vivida em contexto grupal que permite a criação de ações comunicativas que favorecem a reconstrução do *sentido das experiências vividas*. Trata-se duma metodologia qualitativa que envolve a ação do sujeito da procura das suas experiência. Parte-se da mobilização do corpo, no passado e no sentir do presente, para a partir desse reconhecimento criar ação. Permite a ativação da memória individual e social através do apelo da rememoração. O uso da memória social amplia o campo de perceção das opções do presente de cada sujeito. Nesse sentido, a oficina de narrativa biográfica assume-se como uma oficina de construção da cidadania.

Do ponto de vista teórico as Oficinas de Narrativas Biográficas são espaços de reflexão sobre a prática dos direitos humanos e integram-se na proposta teórica das “Epistemologias do Sul” (Santos, 2006) porque permitem a produção dum saber partilhado. Nos diferentes contextos de aplicação procura uma ecologia dos saberes e no âmbito da sociologia das ausências e da sociologia das emergências porque questões relevantes para criar praticas sociais emancipatórias.

A oficina aborda sucessivamente o esclarecimento da distinção entre História de Vida e a Investigação Biográfica, analisa as condições e as situações onde é passível de aplicação dos métodos de investigação biográfica. A partir da aplicação da metodologia são analisadas as vantagens e os inconvenientes do método biográfico.

¹ Pedro Pereira Leite e Ana Fantasia

Heranças Globais Memórias Locais

O que é a Investigação Biográfica

A investigação biográfica é uma metodologia de investigação qualitativa que procura criar conhecimento a partir das pessoas em situação concreta. Cada indivíduo é portador duma memória de vida e duma memória social. A oficina tem como objetivo ativar os elementos da memória coletiva, apropriados individualmente, através da proposta de ação do ator social.

A investigação biográfica permite colocar as pessoas em contexto e permite favorecer a emergência do olhar sobre o real a partir de múltiplos pontos de vista.

As principais vantagens do uso da Investigação Biográfica deriva da facilitação da emergência da consciência dos fenómenos nos atores sociais a partir da participação dos participantes na criação do seu próprio conhecimento.

No entanto, a investigação biográfica pode ter vários inconvenientes que devem ser considerados antes de procurar usar esta metodologia como processo de investigação. Um dos limites da sua aplicação é a sua morosidade. É necessário ter tempo e espaço disponível para que seja possível emergir resultados. Cada indivíduo e cada grupo dispõe dos seus tempos para fazer emergir a espontaneidade e a criatividade, através da qual emerge a inovação. Um outro inconveniente é que a aplicação da metodologia fornece uma multiplicidade de materiais para investigação que torna complexo o seu tratamento e apresentação pelo investigador. Um outro inconveniente do uso desta metodologia é o de criar laços de empatia entre o entrevistador e o entrevistado. Estes laços, juntamente com a natureza pessoal que a informação

recolhida transporta, sobretudo se essa informação é gravada em qualquer suporte, para posterior uso público, coloca algumas restrições legais e éticas ao seu uso.

A investigação biográfica tem uma longa tradição nas ciências sociais. A escola sociológica de Chicago, nos anos 30, e a escola da história oral, desenvolvida em Inglaterra nos anos 60 do século XX são dois fortes pilares que enraízam essa tradição. Nos dias de hoje o método biográfico é usado em diferentes campos científicos que vão da etnobiografia à enfermagem, passando pelas ciências da educação, pelos estudos culturais. O método biográfico é também usado em situações de intervenção social, em contexto de investigação-ação, em contexto terapêutico, de grupos ou em ação social.

O método biográfico está fortemente influenciado pelas propostas hermenêuticas de Heidegger., em que a compreensão dos fenómenos é capturada em contexto. Antes de se interpretar um fenómeno é necessário que ele já tenha sido compreendido. O sujeito que compreende é simultaneamente ator da interpretação e da ação transformadora. Cada sujeito adota estruturas de pensamento que lhe permitem desenvolver os mecanismos de interpretação-compreensão. Há quatro estruturas de pensamento sistémico que as narrativas biográficas trabalham. As Estrutura de horizonte, circulares, de diálogo e de mediação.

Na estrutura de horizonte o conteúdo singular é apreendido a partir da totalidade de um contexto de sentido, que é pré-apreendido e co-apreendido.

Heranças Globais Memórias Locais

Na Estrutura circular a compreensão acontece a partir de um movimento de ir e vir entre pré-compreensão e compreensão da coisa, como um acontecimento que progride em forma de espiral, na medida em que um elemento pressupõe outro e ao mesmo tempo faz com que se possa ir adiante.

Na Estrutura de diálogo a compreensão é sempre a apreensão do estranho e está aberta à modificação das pressuposições iniciais diante da diferença produzida pelo outro (o texto, o interlocutor).

Finalmente na estrutura de mediação a compreensão visa um dado que se dá por si mesmo, mas a sua apreensão faz-se pela mediação da tradição e da linguagem.

É esta riqueza de materiais que são produzidos pelo método de investigação biográfica, que fazem que esta metodologia seja usada na atualidade em situações de contexto formativo de empoderamento social

No campo da museologia este método produz abundante material que pode ser usado para formação de processos expositivos e de reconhecimento social. Ele procura, através da memória social, das heranças e do património ativas a criação de condições para a inovação social.

A aplicação do método biográfico pode fornecer diferentes níveis de informação. Nem todos eles são úteis para os trabalhos que se pretendem desenvolver nas oficinas biográficas. Por exemplo, no método da entrevista biográfica, a indivíduos, muitas vezes são recolhidas fundamentalmente informação de carácter pessoal, muito centradas no eu do indivíduo. Estas *estórias de vida* são pouco relevantes para o trabalho da oficina, embora, num primeiro momento, possam ser úteis para o investigador procurar a relevância do ator.

Já num outro nível, as "*Histórias de Vida*", onde a informação dada pela pessoa situada no contexto do tempo em que foi vivida, embora ainda muito centradas no eu, já permitem fornecer um nível de envolvimento do eu em ação, que favorece a reflexão sobre a experiência.

O nível de maior relevância para o objetivo da oficina é obtido pela procura das "*Narrativas Biográficas*". Nele se procura uma informação sobre a trajetória de vida, da reflexão sobre a forma como foi construída a ação em contexto de grupo. É através desta reflexão em contexto grupal, sobre os sentidos da ação que emerge a construção da ação de mudança. Uma mudança que é centrada na ação do grupo

Os resultados das Narrativas Biográficas permitem realçar a interdependência entre os atores. Eles permitem criar múltiplos pontos de recolha de informação. Uma informação que é partilhada através duma ação comunicativa onde cada sujeito toma voz e onde cada voz faz parte do conjunto. É essa partilha que permite estabelecer o ponto inicial da construção duma ação. A criação do compromisso no processo museológico.

O método biográfico pode ser complementadas por outras metodologias de intervenção na comunidade, ou podem ser adicionadas a outras formas de intervenção de criação de inovação social.

Os processos de recolha da Informação envolvem as entrevistas individuais e os processos de trabalho de grupo.

Heranças Globais Memórias Locais

Entrevistas biográficas a indivíduos

Para a aplicação das entrevistas é útil preparar previamente a informação que se pretende recolher. Deverá ser feito um pré-diagnóstico para recolher informação geral. De um modo geral é útil analisar e observar o contexto de vivência e recolher por diferentes fontes documentais, dados gerais que forneçam dados sobre a vivência social dos indivíduos e das comunidade.

Para a aplicação das entrevistas é útil construir um *guião* com as perguntas a efetuar. As perguntas podem ser abertas, se pretendermos ampliar o discurso, ou fechadas, que procuramos reduzir o discurso à informação essencial. Nas respostas abertas o discurso é mais natural e fluido, permitindo outras aberturas. As perguntas fechadas são úteis para precisar factos e eventos.

A seleção do modo de registo da informação é um importante momento da metodologia. O suporte de registo pode ser gravado ou escrito. O primeiro permite uma reprodução posterior. O segundo obriga à tomada de notas e a uma menor concentração nas formas de linguagem não-verbal. Dependendo do entrevistado, a gravação permite libertar o olhar para o momento da entrevista.

A condução da entrevista é a forma como o investigador recolhe a informação. É um processo vital para aferir a sua validade. É necessário estar atento às condições ambientais. O local onde se realiza a entrevista, o tempo da sua duração, a autorização do uso dos dados e dos suportes usados deverá ser negociado antes da entrevista.

É necessário ter em atenção que uma entrevista é uma relação social. O investigador deve cumprir as regras

sociais. Deve estar atento e compreender a linguagem não-verbal. O entrevistado é dono das palavras que usa. Deve-se ter respeito e aceitar as posições do entrevistado. Se o assunto não é do agrado deverá mudar-se de assunto através de novas perguntas. O entrevistador deve recorrer à precisão com parcimónia.

A estrutura da entrevista é importante estar clara no guião do investigador. Os primeiros momentos das entrevistas acabam sempre por determinar o seu desenvolvimento. O ter estruturado ajuda a orientar as questões. No discurso direto o pensamento flui. Não raro, é necessário o investigador ajustar a sua estrutura ao desenvolvimento da entrevista. Só com clareza de estrutura é possível capturar tudo o que se pretende.

No início da entrevista é também necessário capturar a empatia do entrevistado. O estabelecer laços de confiança ajuda a estabelecer um diálogo mais fluido. O estabelecer e negociar os objetivos das entrevistas ajudam a orientar a produção do discurso.

Em regra, uma entrevista inicia-se com a emergência das questões mais individuais. Começar por centrar a história individual ajuda posteriormente a orientar para as questões relevantes

Durante a entrevista é necessário procurar criar pontos de confirmação da informação factual, criando pequenas perguntas fechadas ou relacionando os eventos referidos com outros eventos seus contemporâneos.

Durante a entrevista é necessário respeitar o ritmo do entrevistado. É necessário ter em atenção que por vezes é útil ter momentos de silêncio. Esses momentos ajudam à rememoração.

Heranças Globais Memórias Locais

Terminada a entrevista é necessário proceder ao tratamento da Informação. Mesmo em situações em que a entrevista é gravada, é útil fazer um breve sumário e anotar os assuntos relevantes. Muitas vezes essa informação é útil no processo de tratamento.

As formas de tratar e trabalhar a informação são uma fase importante do processo de entrevista e pode ser bastante morosa. Tendo havido gravação é necessário decidir se vai ser efetuada uma transcrição (total ou parcial) ou a informação vai ser analisada através da sua audição ou visionamento. A transcrição total permite reconstruir o texto posteriormente. Uma audição implica reconstruir o guião da entrevista com os conteúdos principais. Nestes caso é útil a marcação dos tempos da informação, para posterior conferência em caso de necessidade.

Nos casos em que não foi efetuado registo, é necessário, o mais cedo possível, transcrever as notas e registar as impressões recolhidas. Desse trabalho dependerá a relevância da informação.

No final da transcrição é necessário conferir os registos com os objetivos da entrevista. Antes de procurar preencher as dúvidas e os vazios de informação recorendo de novo ao entrevistado, pode ser útil explorar questões complementares através de outras fontes. Isso enriquece o trabalho e permitirá, num segundo momento aprofundar a informação.

A estrutura do trabalho de entrevista deverá começar por criar uma linha cronológica da vida do entrevistado. Deverão ser identificados os espaços e agentes envolvidos. Os eventos abordados devem ser colocado sobre essa linha.

A partir dessa mapa é possível decidir o processo de redação da entrevista. A entrevista pode ser redigida a linha

cronológica dos eventos ou pode parti da abordagem de assuntos, situando neles o contributo do indivíduo ou indivíduos.

É necessário ter em linha de conta que num entrevista nem toda a informação recolhida é pertinente, nem todas as memórias são boas. Há questões que podem ficar sem resposta compreensiva. O investigador também tem a obrigação de respeitar os traumas e os lutos do entrevistado. Ainda que os atos possam mercer reprovação ou condenação social, é necessário que o investigador não crie conflitos com a informação trabalhada.

A oficina de Narrativas

As oficinas de narrativas biográfica são um instrumento de investigação que se distingue das entrevistas individuais por procurar a criação de conhecimento pertinente pela ação dos atores em contexto.

O objetivo é conhecer e reconhecer as experiências de vida concretas dos sujeitos em contexto de vida. A partir desse conhecimento procura-se construir uma consciência sobre os processos de transformação disponíveis, sobre as dinâmicas sociais em que estão envolvidos, e analisar as alternativas possíveis de ação social e alianças disponíveis.

As oficinas de narrativas biográfica na museologia são usadas como forma de resgatar o conhecimento e as memórias das comunidades e como processo de construção de propostas de ação social, com o objetivo de olhar para o futuro de forma solidário com base nos direitos humanos.

As oficinas de Narrativas Biográficas iniciam-se com um processo de cartografia da memória. Parte-se do indivíduo, da sua consciência com ser singular para aprofundar a sua consciência social.

Heranças Globais Memórias Locais

O objetivo das oficinas é permitir a emergência de uma ação em contexto de grupo. Ao partir de si, procura-se evidenciar os processos de interação com os outros.

As oficinas de narrativas biográficas concretizam-se em contexto grupal, sendo o número ideal constituído por um intervalo entre oito e doze participantes. A sua duração ideal é de cerca de três dias. As oficinas usam a metodologia de trabalho participativo em grupo.

O primeiro momento é dedicado ao aquecimento do grupo. Cada membro deve-se apresentar ao outro através de exercícios que permitam criar dinâmicas intergrupais.

O investigador é responsável por favorecer as dinâmicas e propor os passos iniciais, dando todavia a possibilidade do grupo escolher a forma das suas regras de funcionamento, com base no respeito pelos direitos de cada um.

Os jogos de interação e conhecimento devem posteriormente ser dirigidos para atividade de produção de conhecimento auto-biográfico. Cada participante pode escrever textos, pode contar história, pode fazer desenhos, capturar imagens que permitem criar um pequeno jogo de apresentação do eu mais interior. Da sua sensibilidade, pensamento ou capacidade para além da sociabilidade elementar.

Do conhecimento autobiográfico parte-se para a partilha do trabalho em grupo. Cada trabalho individual é comentado em grupo. O investigador deverá estar atento às relações e anotar os elementos fundamentais do processo. Cada membro do grupo deverá igualmente

ser convidado a registar o que é a ciente-se de si, e o que foi valorizado pelo grupo.

A discussão em grupo das experiências pessoais permitem ao indivíduo identificar os pontos de agregação das linhas de projeção da sua história de vida, e dos espaços de partilha com os outros.

Esse mapa pessoal permita a cada um reconhecer as diferenças e identificar as identidades. A partir da valorização do que é comum é possível proceder à negociação das diferenças na procura de compromissos de ação.

A procura do que há de comum nas histórias de cada um é um desafio de efetuar em contexto experimental (laboratório) uma ação. A partir desse ponto comum pode constituir o início para a construção da narrativa do grupo, ou propostas de extensão museológica

Bibliografia

- Leite, Pedro Pereira (2012) . Objetos Biográficos, Lisboa, Mara D'Água
- Santos, Boaventura de Sousa (2006). Gramática do Tempo: para uma nova cultura política, Porto, Edições Afrontamento
- Lechner, Elsa (2009). Histórias de Vida: Olhares Interdisciplinares, Porto, Afrontamento
- Rogers, Carl R. (2009). Grupos de Encontro, Livraria São Paulo, Livraria Martins Fontes,
- Gonçalves, Marco António et al (2012). Etnobiografia: subjetivação e etnografia, Brasília, sete letras.